

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE LETRAS**

**MURMÚRIO DA SOMBRA: ASPECTOS DO NOTURNO NA
POESIA DE AFONSO HENRIQUES NETO**

MARCELO DOS SANTOS

Rio de Janeiro

2006

**MURMÚRIO DA SOMBRA:
ASPECTOS DO NOTURNO NA POESIA
DE AFONSO HENRIQUES NETO**

Marcelo dos Santos

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras - área de concentração em Literatura Brasileira, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro - como requisito parcial para obtenção do título de Mestre.

Linha de Pesquisa: Poéticas da Modernidade em Perspectiva Comparada

Orientadora: Profa. Dra. Ana Cristina de Rezende Chiara

Rio de Janeiro

2006

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ/REDE SIRIUS/NPROTEC

H519 Santos, Marcelo dos.
Murmúrio da sombra : aspectos do noturno na poesia de Afonso
Henriques Neto / por Marcelo dos Santos. – 2006.
151f.

Orientadora : Ana Cristina de Rezende Chiara
Dissertação (Mestrado) – Universidade do Estado do Rio de
Janeiro, Instituto de Letras

1. Henriques Neto, Afonso, 1944 – Crítica e interpretação. 2.
Poesia brasileira – Séc. XX – Teses. I. Chiara, Ana Cristina de
Rezende. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Instituto de
Letras. III. Título.

CDU 869.0(81)-95

EXAME DE DISSERTAÇÃO

SANTOS, Marcelo dos. *Murmúrio da Sombra: Aspectos do Noturno na Poesia de Afonso Henriques Neto*.
Dissertação de Mestrado em Literatura Brasileira apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da UERJ.
Rio de Janeiro: 1º Semestre de 2006.
151 p.

BANCA EXAMINADORA:

Profa. Dra. Ana Cristina de Rezende Chiara (Orientadora)
Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Marcus Alexandre Motta
Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Alberto Pucheu
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Luiz Carlos Lima (Suplente)
Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Profa. Fátima Maria de Oliveira (Suplente)
PUC/CEFET – Rio de Janeiro

— *isso podia, em seu escondido cada um reina; prazer de sombra.*

(*Dão-Lalalão*, João Guimarães Rosa)

À Dona Flor (como compreendeu tudo isso?)

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, a minha orientadora, Profa. Doutora. Ana Cristina de Rezende Chiara, por confiar em mim desde o primeiro “dia em que fizemos contato”, por desviar-me do caminho na hora certa. Seu apoio, orientação e amor dedicados tornaram esse trabalho possível.

Aos honrados e destemidos *Justas* Carol, Leda, Juliana e... Edmar, pela fraternidade e diversão infinitos.

À musa Andréa Ribeiro.

À amiga Alexandra.

Sobretudo, aos amigos Calina e Hugo Fujimura, pela amizade milenar e pela ajuda incomensurável nesta hora.

Agradeço também aos professores da UERJ Carlinda Fragale Pate Nuñez, Ana Lúcia Machado de Oliveira e Marcus Alexandre Motta, pelo imprescindível auxílio e carinho que cada um, a seu modo, me dedicou.

Ao poeta Afonso Henriques Neto, pela poesia e confiança.

Ao Fabiano, motivo pelo qual tudo isso acontece, ou melhor, maravilhosamente acontece.

À CAPES, pela bolsa concedida e a Deus.

SUMÁRIO:

1. Sinopse	7
2. Resumo	8
3. Résumé	9
4. Introdução	10
5. Notícias	14
5.1. Primeira Notícia: Informações	15
5.2. Segunda Notícia: Formações	28
6. Fios, Margens, Contornos	42
6.1. O Novo e o Velho Enovelados	43
6.2. S de Sombra	50
6.3. Cidade Sem Sonho	61
7. Claro Escuro	70
7.1. Os Faróis	71
7.2. Lesão do Luminoso	81
7.3. Desvio para o Vermelho	89
8. Conclusão	105
9. Anexos	110
9.1. Anexo 1: Figura 1	111
9.2. Anexo 2: Figura 2	112
9.3. Anexo 3: Escura Conversa	113
10. Referências Bibliográficas	146

1 – SINOPSE

O presente estudo aborda a presença e mecânica do noturno na poesia de Afonso Henriques Neto analisando, mais precisamente, os três primeiros livros do poeta, a saber: *O misterioso ladrão de Tenerife*, *Restos & Estrelas & Fraturas*, *Ossos do Paraíso*. Num primeiro momento, observamos a recepção crítica à obra de Afonso e sua relação com a acolhida da crítica à poesia marginal. O que destacamos nesse momento é a tensão entre crítica e proposta poética, entendendo a poética de Afonso como voz lírica independente das generalizações da crítica. A partir daí, podemos estabelecer os problemas que a poesia de Afonso configura: o embate com a tradição e o diálogo constante com a visualidade e a visibilidade. Entendendo o noturno além de uma presença, mas como uma condição da poesia, investigamos esta condição no que tange aos transportes e metamorfoses da lírica moderna numa prática poética do contemporâneo. Nosso passo seguinte, estabelecido pelo estudo anterior, foi o de compreender que o noturno abre a discussão sobre o visual na poesia bem como seu diálogo com as artes visuais. Ao final de nossa pesquisa, procuramos mostrar que ao apresentar os aspectos do noturno, a poesia de Afonso Henriques Neto constitui uma voz importante no lirismo contemporâneo pelas questões que impõe aos estudos literários ao problematizar a herança poética e a composição de uma voz lírica singular.

2 - RESUMO

A partir dos três primeiros livros de poemas de Afonso Henriques Neto, este trabalho procurou traçar a presença do noturno e seus aspectos, tomando-os como sinais das indagações sobre a poesia contemporânea brasileira e a visualidade.

Em primeiro lugar, é apresentada a recepção crítica em torno do circuito em que a poesia de Afonso se insere. Principalmente, foram verificados os tipos de ajuizamento crítico e, partindo deles, fez-se possível o estabelecimento de parâmetros para a obra de Afonso Henriques Neto.

Em seguida, esta pesquisa se deteve no desenvolvimento de uma linhagem noturna na lírica moderna, e nas questões que o noturno impõe aos estudos da linguagem na poesia e na arte visual contemporâneas.

Palavras-chave: poesia – visualidade – lirismo contemporâneo

3 - RÉSUMÉ

En partant des trois premiers livres de poèmes d'Afonso Henriques Neto, ce travail a essayé d'esquisser la présence du nocturne et ses aspects, en les prenant comme signaux des indagations sur la poésie contemporaine brésilienne et sa visualité.

D'abord, on présente la réception critique autour du circuit chez lequel la poésie d'Afonso s'inscrit. Surtout, on a vérifié les types de jugements critiques et, en y partant, s'a rendu possible l'établissement des paramètres pour l'oeuvre d'Afonso Henriques Neto.

Ensuite, cette recherche s'a arrêtée sur le développement d'une lignée nocturne chez la lyrique moderne, et sur les questions que le nocturne impose aux études de la langue chez la poésie et chez l'art visuel contemporain.

Mots-clefs: poésie – visualité – lyrisme contemporain

4 – INTRODUÇÃO

Este texto introdutório, que o leitor tem nas mãos, guarda um propósito: dar esclarecimentos sobre os caminhos da escrita que ele antecipa. Essas vias coincidem em um ponto comum: o texto dissertativo que é o fruto de nossa pesquisa no Mestrado em Literatura Brasileira, na UERJ. Passados os caminhos que nos levaram ao objeto de estudo, eles ganham agora o estatuto de escrita. Roteirizados, esses trajetos se estabelecem a seguir.

Em 2002, o primeiro contato com a poesia de Afonso Henriques Neto foi bastante próximo: foi pessoal. O poeta participou de um evento, na UERJ, em que lia seus poemas e, em seguida, debatia suas idéias. Assim, não começamos pela leitura de seus poemas, mas pela audição.

Ouvir o poeta de tão perto talvez tenha dado a dimensão do que a palavra poética devesse ser: vivenciável. Por isso, qualquer palavra *sobre* ela, que se propusesse a sobrepô-la, explicando-a, interpretando-a, dissecando-a, deveria, fatalmente, falhar. A poesia apenas vive, ela mesma rediviva a cada voz que a conjurasse, aquela ali do poeta à frente de todos. Por isso, esse estudo não é *sobre* a poesia de Afonso Henriques Neto, mas se dirige a ela, viaja para ela.

Essa intuição talvez seja tão clara que ela impregna boa parte desse escrito. O anúncio de “Notícias” se presta a fundamentar o caminho crítico escolhido ao se desfazer — deixar no cais — de alguns outros itinerários. Lá em “Notícias”, o leitor pode compreender o esforço de chegar à poesia de Afonso Henriques Neto sem percorrer os mesmos pontos já estabelecidos.

É claro que toda escolha, a despeito de cumprir seus propósitos, tem seu ônus. Por conta da extensão do trabalho, e da rota seguida, ficaria a impressão de que o “retrato de época”, que a obra de Afonso também estampa, estivesse descartado de nosso estudo. Se isto parece ser o tom de “Notícias” e, de certa maneira, se firma no segundo

momento de nossa exposição, promovendo uma fuga das leituras do contexto na poesia, talvez o leitor já não ache o mesmo quando chegar a “Claro Escuro”. Esta parte do nosso trabalho tem como pressuposto investigar mais profundamente a proposta da poesia nas suas dimensões política e estética, ali onde ambas devem caminhar juntas.

O plano tecido em “Notícias” prepara as discussões do segundo capítulo. Uma vez construído um acesso crítico, passagem para a obra de Afonso, o seguinte passo deveria compreender, então, por que se fala da poesia no geral quando se trata de uma poética específica como a de Afonso. “Fios, Margens, Contornos” tem, como hipótese, a idéia de que cada vez em que ela é mais específica, quanto ao gesto do poeta, é toda a poesia que comparece, que fala, ela nasce de novo: vive.

O tom genealógico de “Fios, Margens, Contornos”, de um ponto a outro suspenso pelas ficcionalidades de nossa crítica e das tramas do poeta, arquiteta a “estória” de um nascimento. Esse momento de nosso texto grafa não só as discussões, mas também a insustentabilidade de seu próprio argumento. Suas proposições são como fios tênues que servem apenas como instrumentos críticos efêmeros, tocam, mas não querem sufocar a poesia. E é nisso que eles devem ser fortalecidos: na insustentabilidade daquilo que se deve especular sobre a poesia. Tensionada em um ponto, toda a trama pode se redesenhar até o seu novo *eno-velamento*. Com uma de nossas primeiras leituras críticas já aprendíamos que “A interpretação separa em partes distintas o que em sua origem é enigmaticamente uma coisa só” (STAIGER, 1972, 21).

Sempre criticável, por motivos acertados, o estudo das linhagens não se sustenta por estar sempre *a posteriori* de seu próprio tempo: se linhagem houvesse, ela deveria estar certamente no começo (inspiração) para o poeta. Porém, o que se estabeleceu aqui foi exatamente a posteridade da linhagem, que pode coincidir com a posteridade da crítica que lê — a liberdade de leitura deve ser resguardada — o depois do poema. Estamos na trama dessas linhagens que o poeta deixa para nós. Já anunciada como família, nos ícones de Des Esseintes, poderia ser lida ali a iconografia da linhagem de Afonso neste mesmo solo: retratos de eras, ícones do poeta.

Depois da audição, daquele primeiro contato, a leitura revelou as imagens da gramática do noturno: sonhos, noites, sombras. Isso já bastaria para se pensar num estudo *sobre* essas imagens bem como aliá-lo à dicção surrealista. Essa aparência era suficiente para nosso estudo. Porém, mantendo-nos à margem das interpretações (uma poesia marginal não pediria exatamente essa posição?) das imagens, nosso estudo tomou o obscurecimento como condição da poesia. Obscurecidos pelas imagens do

noturno, forçamos a visão nessa experiência escura para divisar, com certa dificuldade, nossos objetos.

É no aguçamento da visão que o noturno advém, como comentava Leopardi: “As descrições da noite são muito poéticas porque a noite, confundindo os objetos, só permite ao espírito conceber uma imagem vaga, indistinta, incompleta tanto dela quanto das coisas que ela contém” (Apud CALVINO, 1990, 74). O que Calvino, acertadamente para nós, lê, nessa proposição de Leopardi, é a busca exata do poeta: a um poeta que elogia o vago, o indeterminado, que evoca a substância intangível das coisas, nada mais exato e claro que ele acolher as imagens noturnas.

Essa dificuldade (auto) imposta nos fez forçar a visão ao mesmo tempo em que a desviou em certos aspectos. As imagens noturnas que se apresentam na poética de Afonso foram pontos abordados, tendo sempre em mente a questão que todo poema nos coloca: o que é a poesia?

Assim, caminham, lado a lado, a noturnidade e o poema, as “escuras escamas” do poema e o intangível e sensível a que denominaríamos, de uma só vez, de poesia & vida. As inquietações com a forma/imagem, que encontram o esforço do discurso crítico realizado, são devedoras da seguinte distinção, em consonância com a voz de Octavio Paz:

Disse *poemas*, não poesia, porque podemos discutir incessantemente sobre a segunda, enquanto não é difícil concordar sobre o significado da palavra *poema*: um objeto feito de palavras, destinado a conter e segregar uma substância *impalpável*, rebelde a definições, chamada poesia” (PAZ, 1993, 77).

A nossa posição encontra a de Paz, pois, para nos encaminharmos a essa “substância rebelde a definições”, precisamos de uma estratégia: o apoio na palavra, na tinta negra dos versos, a escuridão de sua forma que se distingue do espaço intangível.

Nem mesmo estamos certos de que se poderia pensar que a forma-poema nos garantisse um modo de melhor definição do objeto de estudo. Nem mesmo se o conceito de forma é apropriado para algo que escapa, justamente, à forma. A clareza da forma como presença, sua aparência, deve mesmo jogar a nós, leitores, numa obscuridade sem proporções. Ainda aqui flagramos o obscuro das transfusões da lírica moderna nas leituras que se fazem escrituras: Afonso leitor de Baudelaire é nosso exemplo. O poema como um objeto de leitura.

A assunção do noturno, que foi destacada neste estudo, teve como consequência o problema da imagem que toma a poesia. Imagens noturnas não podiam, no caminho

traçado, ser tomadas apenas como representações da noite. Elas impuseram o problema da visualidade.

A aproximação, portanto, das artes plásticas era mais do que uma contingência: o relacionamento de Afonso com artistas plásticos, como pode ser lido em “Escura Conversa”, fazia da aproximação uma demanda. O poema escrito, sua estaturas, volumes, desenhavam não apenas suas imagens, mas também seus contornos. Em cada branco da página ainda murmura a sombra. O que é aquilo que ecoa nas margens do poema que, como o fundo do quadro ou o suporte da instalação, dá consistência às linhas dos versos? Tangenciando o pensamento plástico pudemos ver mais claramente esse obscuro.

O que aparece no poema talvez indique aquilo que só pode se dar em ausência, como nos faria pensar Didi-Huberman: “quando ver é sentir que algo inelutavelmente nos escapa, isto é: quando ver é perder” (DIDI-HUBERMAN, 1998, 34). Portanto, não é de qualquer imagem que estávamos a caminho, mas de uma “imagem-vácuo”.

O movimento que, bastante silenciosamente, foi feito, partiu da poesia da marginalidade à marginalidade da poesia, quando ela se conserva como a “outra voz”. E, por conta dessa “margem”, que antes desvia interpretações do que as consagra, chegamos às relações dessa outra voz com a contestação que a arte deve sempre, a cada gesto realizado, promover. Em contexto próprio, as propostas estéticas de Afonso têm como alvo não apenas as visões, mas os limites de sua época: libertar a linguagem que é presa dos formalismos e repressões, nas quais ecoam as repressões sociais e políticas.

Como última palavra, a do poeta. A volta à audição. Ouvimos de novo a palavra do poeta como no início do percurso, mas dessa vez com maior intimidade, a maior que se pudesse alcançar, então: falamos de poesia em “Escura Conversa”. Cumprimos assim o caminho, e o que nos resta? O relatório dessa viagem assim e aqui registrado.